

# GAZETA MEDICA

DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XV

MARÇO, 1883

N. 9

## THERAPEUTICA

### NOTA SOBRE O TRATAMENTO DO BICHO DO PÉ

Pelo Dr. J. F. da Silva Lima

Não faltará quem julgue de somenos importancia, e mesmo ocioso o assumpto a que hoje consagro algumas linhas; raro será na verdade o habitante do Brazil, branco ou de côr, nacional ou estrangeiro, velho ou moço que não tenha visto ou hospedado no seu proprio corpo o importuno insecto, ao qual a preferencia de séde motivou a denominação popular de *bicho do pé*, e não conheça tambem o modo invariavelmente empregado no tratamento do verminto que elle constitue na espessura da pelle humana, isto é, a extracção do bicho com instrumento ponteagudo, applicando depois á cavidade vasia cal, cinza, etc.

Parece que sendo este methodo o mais proprio para obter uma cura radical, e tão conhecido de todos, quer profissionaes quer pacientes, nada haverá a dizer que possa adiantar ou melhorar a therapeutica seguida ha seculos. Não é assim, entretanto, como tentarei mostrar nas subsequentes considerações.

Quando em 1864 me foi confiado um serviço clinico no Hospital da Caridade, encontrei alli a pratica usual de extrahir com alfinete, agulha, ou ponta de tesoura os bichos dos pés, que

alguns enfermos da classe mais miseravel hospedavam, ás vezes em numero superior a duzentos, e não só nas extremidades inferiores, como nas mãos e em outras partes do corpo.

Não obstante haver alli n'aquelle tempo enfermeiros habilissimos e dextros em executar limpamente aquella fastidiosa operação, considerando eu o longo tempo que elles consumiam em desalojar tantos parasitas, e serem, não raro, desagradaveis, e até desastrosas as consequencias d'aquella pratica, resolvi procurar outros meios de cura mais expeditos e menos arriscados para os pacientes, e cheguei a convencer-me de que —em regra geral, o bicho do pé não deve ser extrahido, e sim destruido *in situ*.

Não é meu proposito, nem é necessario ao ponto meramente pratico de que me occupo, constituir-me fiel chronista do tão celebrado quanto incommodo visitante dos pés, quer estes pertençam á classe dos delicados e mimosos que se occultam em macia pellica ou fino setim, quer á dos grosseiros e callosos que alojem os seus joanetes em grosso couro, ou dos que caçam simplesmente o cabedal que lhes deu a natureza; mas antes de chegar ao ponto principal, seja-me permittido fazer algumas breves considerações sobre o famoso e temido insecto.

Para os nossos collegas que desejarem mais amplas informações ácerca da sua historia, descripção anatomica, physiologia, etc., não lhes faltam artigos mais ou menos completos sobre a materia, entre elles o do *Dic. encyclop. des Sciences Médicales*, dirigido por Dechambre, artigo *chique*; ahi encontrarão uma copiosa bibliographia que lhes indicará os mais substanciaes trabalhos conhecidos, habilitando-os a satisfazerem cabalmente a sua curiosidade nos escriptos de não menos de 63 autores, desde Oviedo, em 1526, até Guyon, em 1870.

O bicho do pé é uma pulga de menores dimensões do que a pulga ordinaria. Linneu, sempre feliz na adaptação dos nomes

especificos ao character mais saliente dos seres classificados por elle, denominou com razão este parasita *Pulex penetrans*; outros mais modernos acham mais appropiado o nome generico *Dermatophilus* em vez de *Pulex*.

Todos sabem que este insecto é muito abundante em casas terreas, deshabitadas ou mal varridas, na calça, na areia, no cisco, etc.: mas o que não é geralmente sabido pelo vulgo é, que a pulga penetrante é um parasita livre na sua juventude, e só na idade adulta accommette as suas victimas, e assim mesmo por modo differente em relação aos representantes dos dous sexos. Tanto o macho como a femea não fecundada attacam de igual maneira o homem e certos animaes domesticos; porem levam a sua condescendencia e benignidade a não exigirem d'elles senão o sacrificio do sangue para o seu parco sustento, exactamente como a pulga ordinaria (*Pulex irritans*); mas a femea, assim que presente o peso dos encargos da maternidade, exige do seu hospedeiro muito mais do que o sangue,—quer cama e mesa, e penetra na pelle, em cuja espessura se encerra e aninha até á epoca da maturidade dos ovos; é então que o seu abdomen, que tem crescido progressivamente, constitue um sacco globular de taes proporções em comparação do resto de corpo, que este não é mais do que um minúsculo appendice do ventre. Roto o sacco accidentalmente espalham-se os ovos pelo chão, e estando maduros vão passar pela evolução e metamorphoses proprias dos insectos da sua especie. Esta prole, que é muito numerosa, necessita por algum tempo de uma vida exterior e livre antes de se tornar parasitaria. Mas o curso ordinario do processo ovulatorio é, segundo as observações mais modernas, sahirem os ovos por meio de uma verdadeira postura successiva effectuada pelas proprias forças do animal depois de sahir do seu escondrijo temporario. Concluida a postura está acabada a missão genesica do bicho do pé, e terminada tambem a sua existencia; como outros muitos parasitas da sua e de outras especies, morre transmittindo a vida.

É, pois, um facto averiguado que o chamado bicho do pé não é mais do que a femea da pulga penetrante, que nos pede, ou antes usurpa subrepticamente um abrigo em nossa pelle, estabelecendo alli *uma casa de maternidade*, na phrase pittoresca de Van Beneden, pelo tempo da gestação, que é para cada uma de 8 a 10 dias, e equivale ao resto da sua curta vida.

Quanto ao macho, esse depois de fecundar os germens que teem de perpetuar tão *preciosa* especie, continúa vagabundo a sua vida de aventuras, e apenas, uma vez por outra, se contenta em confiscar-nos alguns corpusculos sanguineos para o seu passadio.

Sobre os males que nos causam os bichos dos pés não ha uniformidade de pensar; e como os gostos variam, não é de extranhar encontrarem-se pessoas que levem os sentimentos de hospitalidade ao ponto de conservarem aquelles intrusos por alguns dias durante o periodo pruriginoso da sua presença, para se deliciarem no prazer de *coçar o bicho*, e regalarem-se provocando uma sensação que rupertam das mais exquisitas e agradaveis que se possam experimentar; o maior numero, porém, manifestam desde logo tal repugnancia apenas sentem que lhes penetrára o bicho na pelle, ou o descobrem já desenvolvido, que procuram extrahil-o immediatamente, e procedem a uma busca geral com medo que lhes passem outros desapercibidos.

Ora, este processo operatorio, como é geralmente sabido, nem sempre é innocente.

Não ha quem não saiba, ou por ter visto, experimentado, ou ouvido dizer, que da extracção de um bicho do pé tem resultado más consequencias, taes como ulceras, abscessos, lymphangites, erysipeias etc., — e os autores referem até casos de gangrena em que a cirurgia teve de recorrer á *ultima ratio*, isto é, á faca de amputação; e não só de os extrahirem, quer integralmente, quer com ruptura do sacco, teem muitos individuos soffrido um ou outro d'estes maus effeitos da operação tão simples, e aparentemente racional, como ainda outros os

soffreram egualmente pela mera presença de numerosos bichos em varios periodos de evolução, e sem a minima interferencia da parte dos pacientes, quer por desmazelo, quer por outros motivos.

Para obviar a estes inconvenientes procuram algumas pessoas ter o maximo cuidado em não romper o sacco, e quer o rompam quer não, applicar á cavidade cal, cinza de charuto, calomelanos, nitrato de prata etc. Nada d'isto, entretanto, offerece inteira segurança contra a manifestação d'aquelles accidentes, que, felizmente, não são de excessiva frequencia, ao menos entre nós.

Como acima ficou dito, hospedar o bicho dos pés não é privilegio exclusivo da nossa especie, porque elle, ou antes ella, quando gestante, procura agazalho, e por certo mais seguro, no porco, no gato, no cão, na cabra, no cavallo, no boi e no macaco. De sorte que dispondo de tão numerosos hospedeiros que lhes deem asylo e á sua prole, não admira que as pulgas penetrantes se reproduzam de modo prodigioso, pois que cada uma d'ellas poem para cima de cem ovos, segundo o computo de alguns naturalistas.

Posto que escolham de preferencia os pés ( 90 vezes em 100 ) estes parasitas teem sido encontrados nas mãos, nos braços, na palpebra inferior, na face, na glande, no prepucio, no umbigo, e em outras regiões, quasi que em todas as partes do corpo. Tambem se diz que gostam de fazer boa vizinhança procurando morada uns ao lado dos outros, e que preferem, se podem, por economia de trabalho certamente, occupar a habitação que outro deixára vazia.

Passemos, porém, ao tratamento que é o que mais nos interessa.

São concordes os autores em justificar e recommendar a pratica geralmente seguida pelo povo, a extracção immediata ou tardia da pulga penetrante femea; alguns descrevem minuciosamente, e com todas as regras da arte, o respectivo *manual operatorio*, os instrumentos apropriados, e o penso

ulterior; e insistem com particularidade no cuidado que deve haver em não romper o sacco; mas quer este se rompa quer não, aconselham que a cavidade vasia se applique ou nitrato de prata, ou tinctura de iodo, ou pomada mercurial, ou outros medicamentos, segundo o gosto ou phantasia de cada um, com o fim de cauterisar a pequena ferida, ou de destruir os ovos. Os mais modernos, porém, aconselham em vez da extracção o emprego de um poderoso parasiticida, mas sómente no caso de serem os pés, ou qualquer outra parte do corpo invadida ao mesmo tempo por muito crescido numero de bichos, e muito proximos uns dos outros, (Laboulbène). Usam para isso em Cayenna a pomada mercurial em fricções seguidas da applicação de uma cataplasma humedecida com alcool camphorado; a cataplasma de mandioca dizem ser tambem efficaz em matar os parasitas; e no mesmo caso estão os banhos sulphurosos, segundo Niéger. O autor mais acima nomeado, sem ter provavelmente observado os vermintos da pulga penetrante, diz parecer-lhe que um banho de sublimado faria o mesmo, e até com mais energia, e que podem tambem ser de utilidade o chloroformio, a benzina, as terebinthinas, o acido phenico, etc.; acredito que sim, e a esta lista poderiam ser accrescentadas muitas outras substancias toxicas para aquelles insectos, e por ventura mais ou menos nocivas ao doente.

Ora em 1864, na clinica do hospital, não foi só a perda de tempo dos enfermeiros na extracção dos bichos, quando muito numerosos no mesmo individuo, se não tambem os accidentes resultantes da chusma dos parasitas reunidos em pinhas, e da propria operação muitas vezes repetida, que me induziram a empregar um parasiticida sem interferir com os kystos.

Os preparados de que fiz uso foram os de mercurio, ora a pomada mercurial, ora a do oxido rubro, e ambos com resultado uniforme, — a destruição de todos os bichos em poucos dias (3 a 4); depois os banhos repetidos faziam cahir os detritos epidermicos e os kystos murchos e contrahidos, e os ovos já privados de vitalidade, isto é, esterilizados.

Este methodo curativo ainda o sigo hoje invariavelmente, e desde aquella epoca, ha 19 annos, não tive occasião de observar accidente algum desagradavel devido aos parasitas, nem ao emprego topico dos mercuriaes, que, como se sabe, são susceptiveis de se tornarem nocivos pela absorpção cutanea. Por isso confirmo as vantagens do tratamento acima referido, tambem posto em pratica em Cayenna, mas alli exclusivamente nos casos de infecção multipla.

Eu tenho, entretanto, empregado e aconselhado egual medicação, mesmo quando o verminho é unico; e isto pela razão de que nos casos de desenvolvimento adiantado do parasita, a extracção de um só tem occasionado accidentes serios, e ás vezes graves.

Se a pulga é surprehendida no acto de penetrar a pelle, ou quando parte do seu corpo é ainda visivel no exterior, a extracção é, sem duvida, o meio mais prompto, mas deve ser seguido da destruição do insecto, ao contrario elle procurará outra occasião de entrar na espessura da pelle do mesmo ou de outro individuo.

Todavia, ambos os fins se poderiam conseguir a um tempo applicando sobre a parte occupada pelo insecto algumas gottas de benzina, terebinthina, ou de kerosene que se encontra á mão em quasi todas as casas, e ao alcance de toda a gente.

Se, porém, ella já tem penetrado mais fundo, e o verminho adquiriu um certo volume, a extracção pode provocar accidentes ás vezes formidaveis; em tal caso a pomada mercurial, que se obtem com facilidade em qualquer pharmacia sem prescripção de medico, preenche o duplicado fim de destruir o insecto e os seus germens. Duas ou tres fricções diarias sobre o ponto occupado pelo animalculo são sufficientes para lhe destruir a vida em dous ou tres dias, resultado que se conhece por cessar completamente a comichão, e por diminuir de volume o pequeno tumor, ou verminho.

Esta demora do processo curativo é mais que compensada pela segurança contra quaesquer accidentes ulteriores inhe-

rentes á presença indefinida do parasita, ou consecutivos á sua extracção; e quem quer que já tenha soffrido ou presenciado alguns d'elles bem poderá julgar se é preferivel este methodo mais lento, porém mais efficaz de o extinguir.

A consequencia d'este tratamento é que, morto o animalculo, o kysto murcha, seca, e ao cabo de oito ou dez dias cae, ou pode ser despegado com a epiderme á maneira de uma pequena crusta, deixando completamente sã a pelle subjacente.

Outros insecticidas além dos supra mencionados poderiam ser egualmente efficazes, e alguns talvez mais promptos e activos em destruir o parasita; mas os que recommendo teem a vantagem de estarem mais ao alcance das pessoas do povo, sem serem perigosos entre mãos inexperientes.

Terminando direi, que as vantagens d'esta medicação applicada em todos os casos de bichos dos pés não consistem só em evitar os accidentes que estes insectos por si sós, ou a sua extracção pelo modo usual possam produzir; accresce ainda que com elles é aniquilada toda a sua numerosa progenie, a qual de outra sorte continuaria a infestar as habitações.

Março — 1883.

---

## CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO THERAPEUTICO DA RESORCINA

Pelo Dr. SILVA ARAUJO (1)

Professor de clinica de molestias syphiliticas e da pelle  
na *Policlinica geral do Rio de Janeiro*

Tendo eu feito uso, em larga escala, deste excellente parasitocida, recentemente empregado na Europa, e como a historia de suas propriedades therapeuticas não esteja ainda tão rica que dispense os fracos contingentes de um modesto observador, resolvi referir o resultado de minha experiencia em relação a

(1) Extrahido da *União Medica*.



esta substancia, que reputo uma das verdadeiras conquistas da therapeutica moderna, tão atravancada hoje com um sem numero de productos pharmacologicos de duvidosa efficacia, e devendo toda sua nomeada ao rotulo de *novidades therapeuticas* com que veem apadrinhados.

Quem tiver lido a magnifica these inaugural do Sr. Hippocrate Callias, sob o titulo: *De la resorcine et de son emploi en thérapeutique; recherches experimentales et cliniques* (Paris 1881), ou o trabalho que mais tarde este distincto collega publicou, em collaboração com o eminente Sr. Dujardin-Beaumetz, sob a mesma epigraphe, no 1º fasc., do t. 2º, 51º anno do *Bulletin général de thérapeutique*, correspondente a 15 de Julho de 1881—ficará perfeitamente a par do historico e do conhecimento das propriedades physico-chimicas e therapeuticas desta importante substancia medicamentosa.

Permittir-me-hão os leitores que traduza, entretanto, algumas linhas do historico, uteis ao conhecimento perfeito do medicamento em questão.

« Em 1860, dizem os auctores do citado trabalho, dous chimicos de Vienna, Hlassiewet e Barth, tratando pela potassa o galbano, gomma-resina extrahida do *peucedanum galbanifluum*, tinham descoberto, nos productos da fusão desta substancia, uma outra, pertencente á serie aromatica, á qual deram o nome de *resorcina*, por causa de sua analogia com a *orcina*, substancia extrahida da *urzella*.

« Mais tarde foi a resorcina obtida com o auxilio da assafetida, do ammoniaco, do *segapenum*, do extracto aquoso do lenho de *sepan* e da resina acaroide, por fusão com a potassa. Ainda posteriormente conseguiu-se extrahil-a das aguas mães da preparação da *bresilina*, por distillação.

« Passados alguns annos, Kœrner, sendo o primeiro a lembrar-se de fundir o para-iodophenol com a potassa, produziu syntheticamente, a resorcina. Oppenheim e G. Vogt compuzeram-na em seguida, com o auxilio do acido chloroxiphenol sulfuroso.

« Não é apropriada a occasião para entrar em minuciosidades sobre este modo de preparação da resorcina, sendo extremamente facil encontrar-se discutido este assumpto nos tratados especiaes.

« Sob o ponto de vista physiologico e therapeutico, a resorcina apenas ha poucos annos é experimentada, sendo ainda excessivamente restricto o numero de publicações sobre a materia.

« Foi em 1877, parece-nos, que o primeiro trabalho, sobre esta parte do estudo da resorcina, veiu á publicidade, escripto por J. Andeer, que mais tarde, em 1880, deu á estampa uma dissertação mais completa sobre a materia. Seguem-se-lhe Baumann, Brieger, Saltmann, Lichtheim e, mui recentemente, O. Kahler. Quasi todos estes não fizeram senão publicar curtos artigos sobre a questão. »

Dizem em seguida os Srs. Dujardin-Beaumetz e Hippocrate Callias, que é vista da deficiencia de um tal estudo, veem elles contribuir com seus esforços, sem a pretensão de completar o conhecimento da substancia, em suas variadas phases de experimentação therapeutica, ou sob todos os demais pontos obscuros de suas propriedades antisepticas, prophylaticas, etc.

É exactamente o que eu me proponho a fazer em seguida, deixando de lado a descripção dos effeitos therapeuticos obtidos por differentes experimentadores, para relatar apenas o que observei.

Devo desde já declarar que encontrei no mercado desta praça duas resorcinas, completamente differentes em suas propriedades physicas e therapeuticas. Uma corresponde á 1<sup>a</sup> variedade, das tres commerciaes descriptas pelos auctores a que me estou referindo, e caracterisada: « por grandes crystaes de côr vermelho-granada e de cheiro phenicado intenso »; outra representa a 2<sup>a</sup> variedade descripta pelos mesmos Srs. Dujardin-Beaumetz e Callias, e apresenta-se sob a fórma de: « agulhas prismaticas, corando-se ligeiramente, ao ar, de um roseo pouco intenso ». A 3<sup>a</sup> variedade, a chimicamente pura, ou verdadeira *resorcina medicinal* não encontrei no nosso

mercado. É possível que não tivesse percorrido todas as casas importadoras, mas asseguro que recorri a algumas das principaes.

Ora, esta circumstancia é digna de assignalar-se, porque as propriedades da resorcina variam com a qualidade da substancia empregada. É assim que a primeira variedade é um *producto impuro, de acção inconstante e perigoso de emprego*, como muito bem dizem os citados auctores e eu tive o desprazer de verificar; e a segunda, comquanto enormemente differente d'aquella, é ainda irritante, nas doses commummente prescriptas na Europa, sendo preciso attenuar-lhe consideravelmente a dosagem.

Para bem ajuizar das virtudes anti-fermentesciveis da resorcina procedi á seguinte experiencia: Em um vaso de bocca larga derramei uma solução forte de colla dos pintores, tendo de peso 200 grammas e a que havia eu adicionado, depois de resfriada a cocção, duas grammas de resorcina, previamente dissolvidas em um pouquinho de agua commum. Sabem todos como é alteravel a colla dos pintores, quando cozida e liquefeita, e que horrivel cheiro então exhala. Pois bem, ha dous mezes que conservo no meu quarto de dormir o vaso contendo a solução de colla resorcিনada, tendo o cuidado de deixal-o inteiramente descoberto. Nem cheiro algum de putrefacção, tal como succede a esta substancia quando não tratada por um anti-fermentescivel, se manifesta, nem camada qualquer de cogumellos ou algas se formou. A cór da solução é a mesma; a superficie destituída de todo *bolór*, e o cheiro apenas o da colla pura, quando secca, sendo preciso, para sentil-o, aspirar muito de perto.

Impressionado pelo que havia lido sobre as bellas propriedades parasiticidas de tal medicamento, resolvi empregal-o nas dermatophycias que me occorressem á observação, no exercicio da clinica civil e no meu serviço de dermatologia na *Poli-clinica*.

Das applicações multiplas e variadas que tenho feito de tal substancia só tenho até agora que felicitar-me.

Na *pityriasis versicolor*, onde o *hyposulfito de sodio* e o *salicylato* da mesma base me forneciam bellos resultados, a resorcina mostrou-se de admiravel energia parasiticida, contra o cogumello productor d'esta dermatose, o *microsporon furfur*.

A *pityriasis circinata*, de Vidal, uma das fórmulas do *eczema marginado*, dos auctores allemães, tambem muito promptamente cedeu á applicação da resorcina, que mostrou-se nefasta ao parasita productor d'esta affecção o *microsporon anomæon* ou *dispar*.

Na *trichomycosis pustulosa barbæ*, de Auspitz, ou *syccosis parasitaria*, de outros, tambem a energia da acção therapeutica da resorcina muito bem se accentuou.

A *trichomycosis favosa* não resistiu mais que as citadas dermatomycoses á acção do poderoso anti-septico. Depois da epilacção e de par com as loções de agua addicionada de permanganato de potassio, a resorcina mostrou-se de efficacia poderosa. No primeiro fasciculo do meu *Atlas des maladies de la peau*, em que me occupo de um interessantissimo caso de *trichomycosis favosa*, detidamente assignalo as vantagens que me trouxe a resorcina, no tratamento complexo a que submetti a infeliz creança victima do terrivel mal.

A *balano-posthite* parasitaria, affecção frequente entre nós, principalmente nos individuos de longo prepucio, e determinada por um cogumello, de fórma esporular quasi exclusiva — pois poucos e delgados tubos pude apenas encontrar, nas numerosas observações microscopicas a que procedi — tambem cede com presteza a esta poderosa substancia, tão altamente toxica para estes diminutissimos protistas.

Em uma extensa serie de casos de *tinea tarsì*, blepharite pustulo-crustacea, muito frequente n'este paiz e determinando a perda, ás vezes permanente, dos cilios, deu-me excellente resultado a resorcina. A leitura do trabalho de Tilbury Fox, o pranteado dermatologista inglez, tão cedo roubado á sciencia, levou-me a procurar, nos cilios affectados d'esta molestia, o

*trichophyton tonsurans*, que, segundo o illustre dermatologista, é o productor do mal. Em todos quantos doentes tive, encontrei, pelo exame microscopico, os ciliós invadidos por uma profusão de esporos, que, se não identicos aos da trichophycia, pelo menos muito com estes se parecem. Não me consta que tenha sido estudada depois de Tilbury Fox, a dermatose em questão, e, por isso, aproveito a oportunidade para referir, não só os bellos effeitos ahí obtidos com o emprego da resorcina, como o resultado de meus estudos microscopicos sobre os pellos inquinados pelo microcogumello. Espalhar o conhecimento de um meio curativo de tal affecção, tão frequente no Brazil, é de grande utilidade pratica.

Em algumas provincias chamam á molestia *sapiranga*. Mais tarde publicarei minuciosamente o resultado de meus estudos mycologicos sobre esta parasitose, que, pela sua situação nos limites da pelle e de uma mucosa, é quasi uma endodermose parasitaria, como o *muguet*, e, segundo os ultimos trabalhos de conceituados auctores, a diphtheria, a coqueluche, etc.

Devo referir ainda que, em um caso de *placas fugitivas* da lingua, a resorcina foi de algum effeito. Refiro este factio pela circumstancia de ter a pessoa em que se elle deu obtido notavel resultado com o uso da solução resorcinada, de mistura com um semicupio, quando atacada, depois de grave enfermidade, de um formidavel *prurido vulvar*, que lhe trazia horrivel soffrimento e insupperavel insomnia. Lembrando-se dos bons effeitos da resorcina, que eu lhe havia prescripto contra as *placas fugitivas linguaes*, a minha doente, de seu alvitre, recorreu ao banho resorcinado, que lhe trouxe o feliz effeito que acima mencionei.

Na *pityriasis alba* ou *capitis* produz a resorcina muito vantajosos resultados. Contra esta molestia, tão incommoda e tão generalisada, tenho com grande proveito recommendado o

uso da pomada resorcínada, como objecto de toucador e para uso quotidiano, em substituição ás pomadas e cosmeticos odoríferos, mais ou menos em voga. Para as senhoras, exigentes em questões de perfumaria, podem-se adicionar á pomada de resorcina algumas gottas da essencia de sua predilecção.

Na *rhinite ulcerosa syphilitica*, sempre mais ou menos acompanhada de *ozena*, a resorcina prestou-me bons serviços, já modificando a superfície tumefeita da mucosa nasal, já fazendo ceder o máo cheiro e diminuir a suppuração. Aqui, como em todas as manifestações de natureza syphilitica em que empreguei a resorcina externamente, inutil é referir que fil-a acompanhar do tratamento interno iodo-hydrargyrico conveniente. Nos casos que acabo de citar as applicações da resorcina foram feitas sob a fórmula de injecções com a solução aquosa e de unccões com a pomada.

Na *otite syphilitica*, acompanhada de *otorrhéa*, o mesmo meio, e sob a mesma fórmula, produziu os melhores resultados, sempre que o puz em pratica.

No *cancreo inficionante* ou *hunteriano*, forneceu-me tambem a resorcina excellentes effeitos therapeuticos, podendo ser substituida ao iodoformio, excellent meio, é certo, mas extremamente incommodo, pelo cheiro activo que exhala, denunciando muitas vezes o mal que se pretende occultar, vulgarisado como está o seu emprego.

No *acne vulgaris* fiz algumas tentativas com a resorcina, que foram ainda vantajosas.

O *eczema* mostrou-se impressionavel tambem á acção deste poderoso anti-microbótico, sendo notavelmente modificadas, com particularidade, as formas pustulosa e escamosa, maxime nos casos em que era intenso o prurido.

Nas *lymphatites superficiaes*, tão frequentes nesta cidade, e causa da terrivel *elephancia* (*elephantiasis Arabum*)

o emprego da pomada de resorcina, bem como das loções com agua resorcinada, trouxe grande melhora aos meus doentes.

Nos casos de *estomatite mercurial*, quando a tumefacção gengival e a secreção muco-salivar são intensas e extremamente fetidas, o emprego dos gargarejos com solução de resorcina tem-se-me mostrado de notavel efficacia.

Considero, pois, á vista de tão multiplicados exemplos, a resorcina como um excellent succedaneo do acido phenico, do qual tem todas ou quasi todas as propriedades parasiticidas, sendo, entretanto, destituida do cheiro desagradavel do phenol.

Devo agora apresentar as fórmulas da solução e da pomada de resorcina, que emprego em minha clinica.

#### SOLUÇÃO DE RESORCINA

R.:

Resorcina .....	1 gram.
Hydrolato simples .....	499 gram.

D. s. a.

Para usar em gargarejo, em injecções nas fossas nazaes e no conducto auditivo e em loções. Póde ser empregada pura ou diluida em q. s. de agua commum. Nos semicupios uso ordinariamente um calice da solução para cada um desses banhos locais. O mesmo para as loções contra as *lymphatites*, o *eczema*, o *cancro syphilitico*, a *balanoposthite*, etc.

#### POMADA DE RESORCINA

R.:

Resorcina .....	1 gram.
Vaselina branca .....	49 gram.

Mist. s. a.

Não é indifferente o modo de preparar esta pomada. O processo que reputo melhor consiste em dissolver previamente a substancia em algumas gottas de agua distillada, e, feito isto,

incorporal-a cuidadosamente, no geral, á vaselina branca. Perde então esta a côr que lhe é peculiar, quando de superior qualidade, isto é, a côr branca com reflexos azulados, e adquire immediatamente uma côr leitosa, que, com a exposição ao ar, se vae transformando lentamente em um roseo desmaiado.

Si insisto nestas minuciosidades é porque tive, mais de uma vez, o dissabor de receber queixas, por parte de meus doentes, de que a pomada os *arranhava*. Verifiquei, de facto, escoriações lineares, maxime si eram senhoras e creanças os queixosos. A causa deste mau effeito era a persistencia de crystaes inteiros de resorcina na pomada, não tendo tido o pharmaceutico o cuidado de dissolver previamente a substancia ou de incorporal-a intimamente á vaselina. Manipulei então eu mesmo o medicamento e verifiquei que do modo acima indicado, obtem-se completa incorporação da resorcina na vaselina, resultando dahi uma pomada tão delicada e macia que rivalisa com o mais bem preparado *cold-cream*.

Tambem julgo conveniente repetir que todos os meus ensaios foram feitos com a resorcina de segunda qualidade commercial, na classificação dos Srs. Dujardin-Beaumetz e Hyppocrate Callias.

Devido a esta ultima circumstancia não pude empregar o precioso medicamento seuão na dôse, relativamente fraca, acima indicada. Sei que na Europa tem se dado internamente a *resorcina chimicamente pura* em dôses muito elevadas. O professor Lichtheim, de Berne, prescreve-a, na pneumonia, na erysipela e na febre intermittente, nesta com especialidade, na dôse de duas a tres grammas em solução para uso interno. O Dr. O. Kahler tambem empregou, em Praga, a resorcina em casos de typho abdominal e de febre intermittente, elevando ainda mais a dosagem. A substancia de que elle se serviu foi a resorcina de Merck, de Darmstadt, consistindo em um pó branco, crystalino, ligeiramente avermelhado, de cheiro pheni-



cado e de sabor um pouco picante. Usou-o em pó, envolto em capsulas de hostia, ou dissolvido em pequena quantidade de agua. Diz este pratico que, mesmo nos casos de tratamento prolongado, os doentes supportaram perfeitamente bem a substancia, que, em tres casos de febre intermitente, determinou a cura, usada na dóse de tres a quatro grammas para 150 de agua, durante as 24 horas.

Commigo não se deu o mesmo que com estes observadores. Imitando o procedimento delles entendi dever receitar aos meus doentes, para uso externo, a resorcina, na dóse de quatro grammas para 20 ou 30 de vaselina e tive de que arrepen-der-me. Com a primeira variedade commercial, principalmente, mas mesmo com a segunda, phenomenos de irritação cutanea intensa sobrevieram. Em um caso de *lymphatite sub-aguda* torpida, inicio de elephancia — fórmula frequentissima nesta cidade, onde tenho observado alguns centos de doentes affectados do mal — o emprego local da pomada de resorcina, sob a formula 4 : 30, produziu, no fim de alguns dias de applicação, violenta dermite, sem reacção geral, é certo, mais de intensidade assustadora, e acompanhada de vesicacão em uns pontos e descamação epidermica em todos. É verdade que se tratava de uma moça hysterica, de irritabilidade nervosa exagerada, de cutis delicada e sendo já sujeita a lymphatites sub-agudas, que lhe haviam determinado o desenvolvimento de uma elephancia, occupando as pernas e começando a invadir as coxas. Demais, o pharmaceutico deixára por dissolver e nem mesmo triturára os crystaes da resorcina, que sendo em agulhas, determinaram, pela fricção vigorosa que a doente exercera — imaginando assim debellar promptamente a elephancia — escoriações, que foram o ponto de partida da lymphatite, facil aliás de produzir-se, em um terreno adaptado como o da paciente. Em outro caso de *eczema peri-auricular* e em um terceiro de *tinea tarsi*, os mesmos phenomenos de

forte irritação se manifestaram. Nestes dous havia sido empregada a resorcina da primeira variedade commercial.

Devido a isto é que reduzi a dosagem de minhas formulas á das que acabei de citar um pouco acima. Dahi por deante só tenho tido que louvar-me de seu emprego.

Antes de concluir seja-me permittido lembrar se não seria conveniente usarmos, no Brazil quer contra as febres palustres quer contra a amarella, tão excellente meio, já internamente, como o fizeram Lichteim e Kahler, na febre intermittente, já em clysteres, como em casos identicos, usou este ultimo, já em injecções hypodermicas. Na febre amarella, onde os estudos dos Srs. Drs. Domingos Freire, Gama Lobo, Carmona y Valle e Beauperthuy, pleiteam pela natureza parasitaria da molestia, é de crer que a resorcina se mostre de vantagens similares, senão superiores ás que forneceu ao illustre professor Domingos Freire o salycilato de sodio. Talvez sejam bem supportadas as injecções hypodermicas de resorcina, e, de outro lado, se a acção pela via rectal é segura e prompta como ensina o Dr Kahler, não ha motivo para deixarmos de ensaiar tão poderoso agente therapeutico. Seja o *cryptococcus*, do Dr. Domingos Freire, ou o *opunzia mexicana*, do Dr. Gama Lobo, ou a *peronospora lutea*, do Dr. Carmona y Valle, ou o *tipulario*, do Dr. Beauperthuy, o que é certo é que todos estes observadores estão accordes sobre a natureza microbiotica da molestia. Questão de nome, questão de classificação, questão de condições diversas em que se collocaram os observadores, e nada mais.

Que os bellos trabalhos dos dous illustres medicos brasileiros, o professor Domingos Freire, esse talentoso, infatigavel e patriotico observador, a quem tanto deve a nascente litteratura medica do paiz e a mocidade academica, que elle conduz por estrada inteiramente nova e promettedora de grandes resultados praticos;

e o Dr. Gama Lobo, que aqui, primeiro, e agora na America septentrional, está a estudar a febre amarella — sejam o pharol que illumine a moderna geração, no descobrimento de um meio efficaz contra a febre amarella, esse aterrador duende da população européa, quando se trata de emigração para o Brazil.

Com estes votos termino a ligeira nota que compendia os meus incipientes estudos sobre a acção therapeutica da resorcina.

---

## BIO-BIBLIOGRAPHIA

---

### PASTEUR E AS SUAS DOCTRINAS

Pelo Dr. J. REMEDIOS MONTEIRO

*(Continuação da pagina 259)*

Les sciences d'observation exigent tout d'abord, de quiconque les veut cultiver, un acte de foi.

Dr. CHARLES LETOURNEAU — La Biologie, pag. 1—Paris 1877.

A panspermia é uma theoria vitalista.

Assim, pois, Luiz Pasteur no discurso pronunciado em 27 de Abril de 1832 perante a Academia franceza fazia uma profissão de fé quando se enunciava nos seguintes termos :

— « A sciencia engendra todos os dias prodigios !

« Quizestes mais uma vez ser testemunha da impressão profunda com que o mundo, os usos da vida e por sua vez as letras recebiam tantos descobrimentos accumulados; e se vos dignastes lançar os olhos sobre mim, fallou sem duvida a meu favor a natureza dos meus trabalhos, que a certos respeitos interessam ás manifestações da vida.

« Provando que a vida até hoje nunca se mostrou no homem como um producto das forças que regem a materia, terei

rendido preito á doutrina espiritualista, bastante desamparada algures, mas certa ao menos de encontrar um glorioso refugio nas vossas fleiras.»

Eis a profissão de fé do illustre academico: não de uma fé *pia credendo*, mas de uma fé—racionalista.

A fé não destroe a razão, suppõe-na.

A fé sem a razão seria uma pyramide sem base.

Antes de proferir estas solemnes palavras que vieram echoar por todo o mundo scientifico, já Pasteur havia alongado a esphera dos seus conhecimentos scientificos, já tinha comparado, observado, experimentado, interpretado, descoberto.

Desde 1860 que a Academia das Sciencias de Paris, isto é, homens como Milne-Edwards, Coste, Flourens, Blanchard, Armand de Quatrafages, Paul-Gervais, encerrando os debates que nesse tempo houveram a respeito dos protoorganismos nascidos espontaneamente no ar artificial e no oxygenio, déra razão a Pasteur contra seus adversarios Pouchet, Joly, Musset, Paulo Montegazza, (de Milão), modernos propugnadores da heterogenia, nome dado pelo illustre sabio Burdach á producção espontanea de um ente organizado, sem paes, e cujos elementos primordiaes foram tirados da materia ambiente: por consequencia uma geração primordial,—uma criação.

Em outros tempos, a geração espontanea contava sectarios de grande autoridade, como fossem A. Richard, Treviranus, Dugès, Latreille, Lamarck, Tiedmann, Bory de Saint-Vincent e outros.

A profissão de fé de Pasteur nada tem a receiar da geologia (9) ou a sciencia da terra, da astronomia (10) ou a sciencia do céo, nem da paleontologia (11) ou a sciencia dos mortos, cujos vestigios se encontram nas profundezas da crusta terrestre.

(9) Veja-se—A concordancia das sciencias naturaes e principalmente da Geologia com o Genesis pelo Marechal Marquez de Saldanha. Vienna d'Austria. 1845.

(10) Veja-se—La vie après la mort par l'Abbé L. M. Pioger, pag. 247 Paris. 1873.

(11) Veja-se—Le bons sen de la foi par L.e. R. P. Caussete—2a ed. tom. 2<sup>o</sup> pag. 453 Paris. 1872.

Estaria a panspermia menos segura pelo lado da biologia ou a sciencia da vida, a vida que ha sido tão diversamente definida pelos philosophos Lewes, E. Saisset, Hebert Spencer, pelos naturalistas e medicos Bichat, Blainville, Gerdy, Lordat, Chauffard, Littré, Robin, E. Bouchut, H. Beauvis, Letourneau e o fallecido Professor de physiologia da Faculdade de Medicina do (12) Rio de Janeiro, Lourenço de Assis Pereira da Cunha, a qual tem sido um mysterio que os atheus, os materialistas, os organicistas, os discipulos de Augusto Comte, quizeram fazel-o crer.

Mas os trabalhos do sabio que foi sentar-se na cadeira outr'ora occupada na Academia franceza por Littré, apesar da tenaz opposição de Monsenhor Dupanloup, ao continuador de Augusto Comte, provaram de modo peremptorio que todo ser vivo promana de outro ser vivo — *Omne vivum ex vivo*.

«Les anciens, escreve J. Virey, étonnés de voir les matières en putréfaction se remplir d'une multitude incroyable d'animaux, crurent que la vie prenait naissance dans le sein de la mort par une sorte de conversion, et que la corruption ainsi que la génération étaient les deux limites où la vie venait aboutir et commencer dans l'immensité des âges.»

Estas velhas idéas estão combatidas por um grande numero de sabios, que têm demonstrado que a geração não se origina da corrupção, que a morte não produz a vida.

Os fermentos mortos já não procream fermentos.

É assim que o sabio chimico da Eschola Normal foi levado a manter em toda a extensão dos reinos organisados o principio fundamental que faz derivar a vida da vida, e que elle repelle como uma supposição sem utilidade e sem base a doutrina da geração espontanea.

Todavia o materialismo, que não explica a materia, tem a pretensão de explicar o origem e os caracteres essenciaes da vida no seio da materia; e depois de haver feito a genese dos

(12) These de concurso para a cadeira de physiologia.

astros e da terra, imaginou a de todos os entes vivos que a terra contém!

A historia de Moysés, dizem os materialistas, é falsa como todas as cosmogonias espiritalistas, nem a humanidade começou por um ente—*sui generis*.

Á idéa de uma geração espontanea qualquer, á doutrina da evolução organica que considera como prejuisos religiosos ou metaphysicos as cosmogonias espiritalistas, áquelles que attribuem a apparição de alguma geração desconhecida o nascimento de uma humanidade intelligente e aperfeçoada, respondem os seguintes versos de Amelia Rodrigues, jovem poetisa, filha da provincia da Bahia :

Tudo diz que a natureza  
Teve um autor, sem segundo,  
Que do nada fez o mundo,  
E a tudo leis outorgou;  
Dil-o o grande testemunho  
Das crenças da humanidade,  
Que tão brilhante verdade  
Dos seios d'alma tirou!

Dil-o a razão, quando estuda  
Deste universo a existencia;  
O grito da consciencia  
Que nada pode conter!  
Tudo diz que um Ser immenso,  
Juiz eterno, immutavel,  
Em tudo pôz admiravel,  
O sello de seu poder.

Aos que consideram a fé como o partido dos retardatarios e a negação como a bandeira dos videntes da natureza e do futuro, pode-se oppor muitos sabios que attestam com seus escriptos que a fé pode caminhar a par da sciencia, vivendo em harmonia com ella.

Para arredar as difficuldades o materialismo definiu que a

vida era uma simples manifestação de certas propriedades da materia, isto é, ser a materia o seio materno de todos os organismos vivos! O materialismo moderno negando o principio da criação reflecte-se nesta questão, como em todos os ramos das sciencias :

Assim, não é de admirar que em presença de taes principios a grande alma de A. Lamartine, possuida de justa indignação exclamasse:—*Singulier système! qui prend pour créateur une pelletée de boue desséchée dans un marécage, un peu de chaleur putride dans un rayon de soleil, un peu de mouvement sans but emprunté aux vents et aux vagues, puis un instinct emprunté à une sourde puissance végétative, et tout cela, pour se passer de Dieu ou pour le reléguer dans l'abîme de l'abstraction et de l'inertie!* (Cours de Littérature, Entrétién. III). »

Os corpusculos microscopicos não escapam à lei do *omne vivum ex vivo*, embora a heterogenia ou a geração equivocada, espontanea, como dantes a chamavam, se gabe do resultado tambem das suas experiencias e diga pela boca de um dos seus distinctos sectarios:—» *La chaîne de la vie est infinie et l'hétérogénie souffle sur le miracle de la création* ».

A estas palavras antichristãs de um heterogenista podemos felizmente oppôr estas outras de um outro heterogenista não menos distincto, nem menos notavel, como é F. A. Pouchet, que diz:— « Les théories des hétérogénistes, loin d'énervier les attributs du Créateur, ne font qu'en augmenter la divine magesté. Si parfois, dans le silence de son laboratoire, le savant produit l'évolution de quelque être nouveau, son orgueil ne saurait s'abuser; il sait qu'il n'est là que l'ouvrier intelligent qui réalise les conceptions du sublime maître. . . .

« Nous nous abritons sous l'éclat des plus vives lumières de l'Eglise: mais si cela n'était pas, à ceux qui nous le reprocheraient nous répondrions avec saint Augustin: que la science et la théologie s'avancent par des sentiers divers, mais

que todas duas mènent à la connaissance de la vérité. (Hétérogénie, pag. 98 — Paris 1859.)

A heterogenia parece tambem estar condemnada pelo tribunal da philosophia positiva, pois que Littré com a autoridade que todos lhe conferem escreveu :

— « Les conditions complexes nécessaires à la naissance des éléments anatomiques font préjuger qu'il est impossible d'en réunir de suffisantes, pour qu'il se forme de tels éléments par la génération spontanée et hors de l'économie: c'est ce que démontrent expérimentalement les efforts infructueux faits dans cette vue. A plus forte raison ne pourra-t-on pas faire naître spontanément des organismes vivant isolément, fût-ce même les plus simples infusoires. » ( Diction. de med. )

A heterogenia e o transformismo não são ideas que se excluem ; a sua afinidade é apenas uma differença de gráu. Pois bem ! o darwinismo que sem contradicção occupa um logar preponderante nas preoccupações intellectuaes da nossa epocha, repelle a heterogenia.

Eis os termos pelos quaes Carlos Roberto Darwin se exprime a respeito da heterogenia no seu notavel livro sobre a — *Origem das especies por via da selecção natural* — que sublevou tantas controversias, livro que foi traduzido, apezar de muitas edições successivas no original, em todas as linguas europeas. Diz o celebre naturalista e physiologista, que a sciencia e a Inglaterra acabam de perder :

— Y-a-t-il quelque fait, ou seulement l'ombre d'un fait, tendant à prouver que des éléments inorganiques aient pu produire un être vivant? Jusqu'à présent, un semblable résultat est inconcevable.

« On m'a blâmé de m'être servi d'une expression du Pentateuque, en parlant d'une forme primitive à qui la vie fut inspirée; peut être n'aurais-je pas dû employer ce mot dans un ouvrage purement scientifique; toutefois, il me semble propre à formuler l'aveu de notre ignorance sur l'origine de la vie, aussi bien que sur les forces de la matière. »



## MEDICINA

---

### SOBRE O TRATAMENTO ANTISEPTICO DAS MOLESTIAS DOS PULMÕES (1)

Discurso proferido na sessão annual da Sociedade Medico-Cirurgica de Londres Occidental

Por J. BURNEY YEO. M. D., F. R. C. P.

(VERSÃO DO INGLEZ.)

*Senhores* : — Quando o vosso secretario, M. Keetley, me fez a honra de convidar-me para discorrer perante esta Sociedade sobre o tratamento antiseptico das molestias pulmonares, confesso que ao principio hesitei em aceitar este convite. Senti que, não obstante haver consagrado ao assumpto alguma attenção, o meu tempo era n'este momento tão inteiramente occupado, que não estava apto para tratal-o tão completamente como a sua importancia reclamava, e como era proprio de uma sociedade tão instruida e influente como esta. Tambem senti que era um assumpto que só agora principiava a ser considerado sob um ponto de vista verdadeiramente scientifico, e que a questão do tratamento antiseptico das molestias pulmonares achava-se no seu periodo inicial, na verdade cheio de suggestões para estudos futuros; mas onde o trabalho de exame, de experiencia, de comparação, de verificação, de critica — séria e util —, não estava ainda acabado. Póde então parecer prematuro apresentar este assumpto a esta Sociedade no seu periodo actual; mas quando reflecti na sua importancia intrinseca, quando meditei nos vastos interesses directos e collateraes, envolvidos na sua discussão, no poder e influencia de uma Sociedade como esta para colligir provas em abono, accedi ao pedido do vosso secretario, contando com a vossa indulgencia para escusar o character meramente suggestivo

(1) Transcripto da *Coimbra Medica*.

d'este discurso, e as muitas imperfeições e lacunas que só futuras investigações podem supprir. É notavel que, quando começamos a attentar na historia de quasi todos os assumptos, poucas novidades se encontrem nos seus factos e phenomenos. O que é novo está em o nosso modo de olhal-os, comprehendel-os e applical-os. A verdade está sempre nos factos e phenomenos da natureza, mas é muitas vezes descoberta só depois de seculos de observação, de experiencia e de opposição. De *opposiçào*: — quão notavel é este espirito de opposição! quão notavel tem elle sido na historia de um dos maiores triumphos e descobertas na arte e na sciencia da cirurgia, o systema antiseptico. Como se não fosse aspero bastante o trabalho de descobrir a verdade n'este universo, os homens encontram perpetuamente da parte dos seus collegas a mais ardente opposição aos seus esforços. Em prova do que digo, basta-me apenas apontar a presente agitação por parte da bem conhecida sociedade contra as experiencias nos animaes — sociedade que invertendo a exclamação de Goethe moribundo « mais luz », pode ser justamente designada: « a sociedade para a conservação da escuridade ».

A idéa do tratamento antiseptico das molestias pulmonares é certamente nova em o nosso modo presente de consideral-a, em a nossa comprehensão dos phenomenos com que está relacionada, e na extensa applicação que nos propomos dar-lhe. Mas a cousa em si não é nova, nem são novos os phenomenos. A adopção e successo dos methodos antisepticos do tratamento das affecções pulmonares tem sido repetidas vezes registrados e repetidas vezes tem encontrado opposição, até com uma especie de sorridente desprezo.

Não será, senhores, este o caso agora, e pelas seguintes razões. Até aqui, ou até ha pouco, taes esforços eram empiricos, e sem nenhuma base *strictamente* scientifica, mas agora nossos methodos antisepticos são fundados sobre conhecimentos scientificos, sobre principios, que têm sahido de uma serie de investigações muito pacientes e ao mesmo tempo muito fructuo-

sas, que contribuíram muito para fazer d'esta ultima metade do seculo XIX a epocha mais illustre na historia das sciencias medicas. Algumas illustrações historicas bastarão para provar o que eu tenho dito ácerca da antiguidade do facto do tratamento antiseptico das molestias pulmonares. Hippocrates e Galeno usaram aconselhar a inalação de vapores balsamicos n'estas affecções, e o ultimo costumava recommendar aos pacientes tísicos a habitação nas vizinhanças do Etna e do Vesuvio, onde podiam inhalar vapores sulphurosos bem como o ar do mar. Limitar-nos-hemos, contudo, á historia da therapeutica pulmonar durante os ultimos cem annos, e um dos factos mais notaveis é a frequencia com que os vapores de alcatrão tem sido considerados de grande valor no tratamento das molestias pulmonares.

O Dr. Rush, de Philadelphia, entre nós o Dr. Beddoes pela mesma epocha, e Sir Alexandre Crichton em 1817 affirmavam ter obtido grandes successos, tratando tísicos pela inalação de vapores de alcatrão fervente, e o Dr. Solis Cohen no seu excellente livro sobre *Inhalações*, em apoio d'este testemunho diz: « O uso dos vapores de alcatrão na tísica merece ser estudado inteira e completamente, de sorte que possam estabelecer-se indicações seguras relativamente ao character dos casos a que é mais applicavel. Entre 1819 e 1830 os medicos francezes Gannal e Cottreau, e Sir James Murray em o nosso paiz, referiram excellentes resultados do tratamento de casos de tísica pelos vapores de chloro diluido. Um d'elles refere que nas lavanderias os trabalhadores com molestias de peito visivelmente melhoram, e outro relatou treze casos de tísica curados pela inalação de chloro; e Luiz em Paris, e o Dr. Elliotron e Thompson de Londres tambem o elogiaram.

Em 1835 Sir Chas Scudamore tornou-se advogado entusiasta da inalação dos vapores de iodo na tísica, e depois de experimentar dez annos, julgava-se convencido do seu poder reparador. Piorry (entre 1850 e 1860) tambem advogou a inalação continua dos vapores de iodo na tísica, e com este proposito

costumava ter muitos pires, contendo iodo, collocados em volta do travesseiro do paciente. Tratou trinta e um pacientes por esta fórma em dois annos; vinte melhoraram decididamente relativamente aos symptomas e signaes physicos; em sete casos symptomas e signaes physicos desapareceram e quatro casos morreram. Ultimamente ainda Skoda empregou as inhalações de vapor de therebentina com muito successo na tísica, gangrena pulmonar, e nas affecções catharraes das passagens aerias.

Escolhi estes exemplos quasi ao acaso na historia da therapeutica pulmonar, para vos demonstrar que não errava dizendo não haver novidade nos factos; e tambem elles concorriam para refutar a opinião, ha pouco sustentada por um ou dois jornalistas, sobre os fracos resultados que têm provindo do tratamento antiseptico da tísica. Supponho que tenho tanto direito a fallar d'este objecto como qualquer d'estes escriptores, porque durante dez annos observei pessoalmente acima de 27.000 clientes em um hospital dedicado ao tratamento d'esta affecção, e de todos os methodos de tratamento de que eu tenha tido algum conhecimento e experiencia, aquelles com que entrava algum meio antiseptico de tratamento, como elemento importante, eram certamente acompanhados com os melhores resultados. A difficuldade sempre esteve em assegurar-me da applicação propria do agente antiseptico; e depois de ensaiar varios expedientes com este fim, inventei afinal um methodo muito simples de continuas exhalacões, que corresponde ao proposito melhor do que qualquer outro do meu conhecimento. Em outra parte descrevi o apparelho, e vós podeis examinar os especimens que estão sobre a mesa.

Deixae-me fazer uma observação, cuja força vereis. É inutil ensaiar qualquer methodo de tratamento, applicando-o aos casos de tísica adeantada. Em taes casos o mal está feito. Nenhum agente antiseptico fechará numerosas cavidades suppurantes, nem substituirá o tecido pulmonar, que tenha sido destruido pela ulceracão e desintegração progressiva, nem

removerá as infiltrações, tuberculosa e inflammatoria, extensamente disseminadas. E contudo quantos casos de tísica nos apparecem já n'este estado. É muito para penalisar que certos medicos hajam pretendido ter curado casos taes, e que outros tenham ensaiado as suas estatisticas pela applicação de um methodo especial de tratamento a casos tão desesperados. De sorte que, para qualquer caso ser curado por um methodo de tratamento, a primeira e essencial condição é que elle seja curavel. E casos de tísica chegam muitas vezes pela primeira vez á nossa observação muito depois de ter passado a possibilidade da cura. Mas para nós a questão a examinar e para nos satisfazer é esta: — Ha um systema antiseptico de tratamento, applicado ás molestias pulmonares, verdadeiro em principio? Se podermos convencer-nos de que o principio é verdadeiro, devem certamente seguir-se na pratica os modos de applicação e desenvolvimento. Em primeiro lugar, pois, deixae-nos inquirir: — o que é o tratamento antiseptico? Este tratamento, applicado aos pulmões, é uma ou ambas de duas cousas: — Primeiramente é a prevenção de um agente pernicioso, venenoso (septico), chegando do exterior aos pulmões; e em segundo lugar é a destruição, ou a limitação da acção de um agente pernicioso, venenoso (septico), já dentro d'ellas.

E agora perguntemos a nós mesmos se ha alguma razão *a priori*, pela qual não seja possivel satisfazer a ambas essas indicações. Sustentava-se calorosamente não ha muitos annos, como preliminar necessario a esta discussão, que era impossivel levar pela inbalação agentes medicinaes ao contacto com a superficie pulmonar. Esse argumento ha sido abundantemente refutado pelas mais variadas e laboriosas verificações experimentaes.

Assim, pois, suppondo existir nos pulmões um pernicioso agente sceptico, — e na phthysica a presença de um tal agente tem sido posta fóra de toda a duvida, e estabelecida a sua qualidade virulentamente sceptica —, o problema do tratamento antiseptico é este: Possuimos nós, ou podemos descobrir,

algum agente, que possamos transportar até aos pulmões, sob a forma de gaz, vapor, ou solução, e que seja inimigo da vida e actividade d'esse corpo septicó? Ou podemos collocar o paciente em condições de vida hostis ao seu crescimento e desenvolvimento? Seria illogico e absurdo em extremo negar a possibilidade de tal methodo, ou da descoberta de um tal agente antiseptico, possuindo já um ou mais. Por isso deve admittir-se como inteiramente possível a segunda indicação. Não só é necessario destruir qualquer agente septicó, que exista nos pulmões, mas devemos estar habilitados a estorvar aos agentes septicos a entrada nos pulmões com o ar respirado. Ora isto póde obter-se por dous modos: (1) Podemos collocar o paciente em uma atmospherá que pelo exame saibamos ser absolutamente pura e livre de particulas septicas; ou (2) podemos diffundir no ar que respira um agente hostile á vida e actividade de quaesquer particulas septicas, que ahí possam existir. É este um verdadeiro tratamento antiseptico, e é certamente possível em qualquer d'essas duas fórmas. Si, pois, nos limitarmos (e é o melhor que agora temos a fazer) á consideração do tratamento da phthisica, temos duas cousas satisfactoriamente provadas. Primeiro; ha nos pulmões um agente específico septicó nocivo. Segundo; é possível um tratamento antiseptico. Aqui não ha illusão. Senhores, estamos n'um pé seguro e certo; alcançamos um principio. É só a primeira pedra do edificio a construir, mas é a pedra fundamental. O que agora temos de fazer immediatamente é, pelo trabalho paciente no caminho da observação e da experimentação, applicar esse principio. O nosso objecto é descobrir que agentes podem existir ao nosso alcance capazes de serem administrados sem infligir offensa aos tecidos pulmonares, e que tenham o poder de destruir, ou neutralisar, ou suspender a actividade do organismo septicó, que parece ser a causa activa na origem e propagação da phthisica. Eu estou disposto a crer que outras fórmas communs de molestia dos órgãos respiratorios tem tambem uma origem septicá

e clamam por tratamento antiseptico, mas podemos por agora concentrar a nossa attenção sobre o assumpto da phthysica.

Temos já provas abundantes e incontestaveis de que o ar puro, — ar puro, frio, secco em quantidade illimitada —, é um tal agente antiseptico. Por toda a parte onde o ar assim existe, — no alto plató do Mexico, nos elevados valles da Suissa, nos steppes Kirghiz da Russia Asiatica, nos pinheiraes da Allemanha Central, no alto mar, onde os homens vivem uma vida em pleno ar, fóra das emanações das cidades e do estreito contacto com a humanidade, — em todos esses logares ouvimos que a consunpção se suspende ou se cura. O *bacillus tuberculosis* parece gostar da atmospheria humida, quente, e francamente carregada das exhalações da humanidade. O calor e a humidade parecem chamal-o a actividade especial, em quanto que o ar secco em temperatura comparativamente inferior lhe parece contrario. Quem tiver observado, como eu tenho feito, um grande numero de casos de phthysica n'este paiz, terá attentado na frequente occurrencia de rapidos progressos da molestia durante os primeiros dias de calor humido da primavera e estio precoce.

Aqui sou de novo tentado a citar uma passagem, para que foi recentemente chamada a minha attenção pelo meu amigo Dr. Frank de Cannes, mostrando que na verdade não são novos os factos que estamos discutindo. Encontra-se em um livro allemão, muito bem feito, « Medicina domestica nos tempos do Novo Testamento », do qual existe uma versão ingleza por Williams e Norgate. É allusiva ao ar de Masada, fortaleza da montanha nas margens do Mar Morto, onde João Baptista esteve preso. Ahi, diz o auctor, José nos conta que as provisões conservavam a sua frescura durante cem annos e mais, « porque o ar das alturas da fortaleza estava puro de todas as particulas terrestres e corruptas ». É precisamente um ar assim, purificado de todas as « particulas corruptas », que nós exigimos para os nossos pacientes phthysicos; e se não podemos envial-os para onde o ar n'essas condições naturalmente se encontra, podemos

artificialmente crear-lhes uma atmosphaera antiseptica, que possam respirar onde se achem; e se devemos perpetuar os hospitaes para phthysicos, é com essa atmosphaera que devemos enchel-os. Talvez, porém, chegue o tempo em que, em vez de conservar juntos muitos doentes de consumpção no centro de um districto populoso de uma grande cidade, adquiramos para o mesmo fim um pinheiral bem crescido com um sub-solo secco, alguns centos de pés acima do nivel do mar, e construa-mos um certo numero de *cottages* disseminados pela floresta, e suspendamos *hamacs* entre os pinheiros, para enviar para ahi os phthysicos respirar até á cura! No tempo humido accenderão fogueiras de madeira de pinheiro e de pinhas, enchendo d'est'arte as habitações de vapores balsamicos e antisepticos; e com as janellas abertas e um solo secco o calor humido ser-lhes-ha menos nocivo ahi do que nas cidades. Comtudo nós temos recursos antisepticos mais accessiveis do que os pinheiraes. E aqui chamo a vossa attenção para as condições anatomicas peculiares dos orgãos respiratorios, pelos quaes estão préviamente dispostos para o ataque septico e especialmente necessitados de antiseptica defeza. O pulmão é o unico orgão interno profundamente situado no corpo, que seja livremente accessivel ao ar ambiente. O ar exterior perpassa perpetuamente pelo pulmão, e por isso as particulas septicas podem alcançar perpetuamente a superficie pulmonar, que é ricamente provida de vasos absorventes. Porém, se em virtude das disposições anatomicas das partes do pulmão os corpos septicos podem promptamente attingil-o, pela mesma razão particulas antisepticas podem ser promptamente postas em contacto com elle, ou sob a fórma de gaz ou de vapor, pulverisação e neveiro, ou ainda de finas particulas solidas.

É inutil offerecer-vos qualquer prova d'isto. Todos, porém, acceitaes como provado este asserto; e sem duvida vos são familiares as diversas fórmas de apparelhos destinados a executar essas applicações. Mas ainda que possamos esterilisar ou destruir por este modo os germens ou microbios, que contém com-



mummente a atmospherá, e purificar assim e tornar inoffensivo o ar que perpassa pelos pulmões, não se segue que os agentes nossos conhecidos, taes como o acido carbonico, eucalyptol, thymol, etc., sejam germicidas, e que, sendo usados pelos cirurgiões por causa de tal propriedade, sejam necessariamente destruidores do *bacillus* tuberculoso. A analogia conduz-nos a concluir que o podem ser, e a experiencia do seu uso nas mãos de muitos observadores competentes tende a fortificar esta vista. Não podemos entretanto satisfazer-nos com isto; devemos continuar nossos estudos da historia do *bacillus* até descobrir quaes sejam em particular o agente ou agentes especialmente contrarios ao seu desenvolvimento e actividade.

Ha uma outra difficuldade que devemos estar preparados a encontrar, — a de convencer os pacientes a submetterem-se a um processo continuo de desinfeccão. Não é nada facil levar os phthysicos a usar, quasi continuamente, mesmo uma applicação tão simples e ligeira como uma que vos mostrei, e seria infinitamente mais difficil resolve-los a inhalar uma atmospherá de pulverisação, suppondo que está descoberto que o melhor antiseptico é soluvel na agua, mas não vaporisavel ás temperaturas ordinarias, como succede com o benzoato de soda, do qual alguns tanto esperavam. Eu, porém, acredito que a difficuldade desapparecerá quasi de todo, se os nossos conhecimentos se tornarem bastante precisos, e a confiança n'um remedio completamente assegurada. Se podermos dizer aos doentes, — por este meio sarareis, e não por outro qualquer —, estou persuadido que a difficuldade cessará de todo. D'aqui, comtudo, vereis a vantagem obvia de podermos remover os nossos pacientes para uma atmospherá antiseptica, onde elles não possam dispensar-se de inhalar continuamente o agente curativo.

Agora posso reduzir a uma conclusão essas observações meramente suggestivas. Nas precedentes observações tenho procurado sobretudo mostrar que a idéa de um tratamento antiseptico das molestias pulmonares se basea em dados scientificos, e que ella em principio fica como verdade demonstrada.

Resta-nos vencer as difficuldades na sua applicação. N'este trabalho animar-nos-ha o pensamento de que qualquer progresso, que possamos lograr, servirá os labores dos grandes mestres da pathologia experimental, de homens como Pasteur, Koch e Lister. Não é dado a todos trabalhar com o seu genio e energia. Mas deixae-me recordar que um d'elles — Koch — era um medico pratico, como muitos dos que hoje me escutam; e nós alguma cousa poderemos fazer para transferir a influencia da sua intelligencia e do seu genio, e applicar os fructos dos seus trabalhos aos diarios deveres de cuidar nos enfermos; e a despeito de muitas interpretações absurdas e loucos abusos, estaremos no caso de provar ao mundo que a pathologia experimental é no mais alto gráo benefica e philantropica. Parece-me que pela vez primeira attingimos um principio no tratamento preventivo e curativo de uma classe de molestias, que até aqui temos olhado quasi com desespero. Trabalhemos firmemente na fundação que o principio estabelece, cujas felizes applicações serão seguidas de immensos serviços para a humanidade e honra duradoura para a sciencia.



## REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

ANESTHESIA MIXTA PELO ETHER, MORPHINA E ATROPINA. — O *Lyon médical* de 14 de Janeiro ultimo publicou e o *Journal de Thérapeutique* transcreveu um breve mas curioso artigo, que vamos resumir e em que o sr. P. Aubert dá conta de recen-tíssimos estudos, seus e alheios ácerca da anesthesia mixta, realisada pelos agentes acima mencionados.

Começa o auctor por lembrar a repugnancia que tem havido em tornar geral a pratica da anesthesia mixta, tal qual a propuzera Cl. Bernard, repugnancia derivada do receio de associar

a um veneno, o chloroformio, um outro veneno, a morphina. A isto responde o sr. Aubert dizendo que a morphina, por isso que permite empregar uma dose muito menor de chloroformio, diminue na mesma proporção, os perigos d'esse anesthesico. E tanto assim, accrescenta, que os physiologistas, muito zelosos da vida dos animaes que viviseccam, empregam sempre a anesthesia mixta, por a experiencia lhes haver demonstrado que os animaes, mormente os cães, succumbem muito menos frequentemente ao chloroformio, quando a inalação é precedida d'injecção de morphina, do que quando ella se faz sem precedencia do narcotico.

Pretendeu-se conjurar os perigos do anesthesia chloroformica, substituindo-a pelo methodo de P. Bert, que consiste na inalação de uma mistura do oxigenio e de protoxido d'azote, sob forte pressão. Este methodo é, todavia, de difficil vulgarisação, por demandar apparelhos complicados e dispendiosos.

Subsistirão, portanto, o chloroformio e o ether como anestheticos usuaes, e por isso mesmo convirá estudar bem todos os modos de attenuar os « leves inconvenientes » d'este e de « obviar aos perigos » d'aquelle. ( Como se vê, o sr. Aubert é partidario do ether ).

Na anethesia mixta está o remedio para esses *inconvenientes e para estes perigos*.

De ha muito que o illustre medico lionez empregava a anesthesia mixta, realisada por modos varios ; e da sua experiencia concluiu que a associação da morphina e do ether se tornava, pela rapidez da acção e pela menor frequencia dos vomitos, superior quer ao simples chloroformio, quer á associação d'este com a morphina.

Estava-se n'esta crença, quando, ha quasi um anno, um outro medico de Lyon, o sr. Dastre, inspirando-se em estudos

de Vulpian sobre as variantes de excitabilidade do pneumogástrico, concluiu pela necessidade de associar a atropina á morphina nas injeções previas á inalação do agente anesthesico. De facto, Vulpian ensinára que a excitação do vago provoca mais facilmente a paragem do coração n'um animal anesthesiado, do que n'um que o não esteja : ha pois, e por effeito da anesthesia, exagero dos reflexos do pneumogástrico, e com quanto esse exagero se faça sentir as mais davezes sobre o estomago, dando-se o vomito, nem por isso deixa alguma vez de se manifestar sobre o coração, dando-se a syncope. A morphina não impede de modo algum estes effeitos, desagradaveis ou funestos ; mas a atropina tem a apreciavel propriedade de moderar a excitabilidade do pneumogástrico, na secção interessante aos movimentos cardiacos, conforme o reconheceram experimentalmente os srs. Morat e Dastre, verificando que a excitação do vago, n'um animal atropinizado, não provoca a paragem do coração.

Perante isto, haverá cousa mais racional do que fazer preceder a anesthesia de uma injeção simultanea de morphina e de atropina ? Pois não irá a morphina activar a rapidez da acção do anesthesico e permittir o diminuição da dóse d'este, e não irá a atropina diminuir a excitabilidade do vago e impedir, assim, a suspensão dos movimentos cardiacos ?

O sr. P. Aubert, acceitando estas considerações theoricas, empregou vinte vezes o novo methodo, servindo-se da formula seguinte :

Chlorhydrato de morphina .....	10 centigrammas
Sulfato neutro d'atropina.....	4 milligrammas
Agua distillada .....	10 grammas

Injecta uma seringa cheia, que, contendo gramma e meio do soluto, introduz na economia 12 a 15 milligrammas de morfina e 6 a 7 decimos de milligramma de atropina. Faz a injeção

25 a 30 minutos antes da anesthesia, realisada ordinariamente com o ether, que, n'estas condições, actua pelo menos tão depressa como o chloroformio, conservando aliás toda a sua innocuidade.

O tempo necessario para obter completa anesthesia, que permitta começar-se a operação, varia de 3 a 7 minutos. Segundo as observações de Sédillot, o tempo exigido pelo chloroformio só, orça por 9 minutos.

Mais notou o sr. P. Aubert que os doentes quasi não mostram repulsão para as primeiras inalações do ether; pelo menos não observou, nem uma vez sequer, a excitação inicial que costuma ser determinada por aquella repulsão. Tambem não se lhe deparou nem um caso em que houvesse vomitos durante a anesthesia ou durante a operação.

Os doentes em que fez essas observações eram todos novos, alguns alcoolicos, e achavam-se em boa disposição geral, como costumam tel-a a maioria dos individuos que povoam as enfermarias de doenças cutaneas e venereas. E é importante de saber-se isto, pois as condições de mocidade e de saude constituem causas de resistencia á anesthesia

Terminando o seu interessante artigo, o sr. P. Aubert lembra que a associação da atropina á morphina póde aproveitar em casos mesmo em que não haja de empregar-se a anesthesia; exemplo: nos casos em que se trata apenas de calmar uma nevralgia. Essa pratica tende hoje a vulgarisar-se em Lyon, onde se tem notado que os incommodos, que costumam seguir-se ás simples injecções de morphina ( desf allecimento, nauseas, vomitos ), deixam de dar-se quando simultaneamente houver sido injectada a atropina. (*A Medicina Contemporanea*).

AVERIGUAÇÃO POR MEIO OPERATORIO DO SEXO DE UM HEMAPHRODITA—N'uma memoria inserida na *Gazeta Medica Italiana-Lombardia* o Professor E. Porro dá conta de uma observação

curiosa, em que, para se averiguar com segurança do sexo de um hemaphrodita, se recorreu ao canivete.

Trata-se de um individuo, que até os 15 annos foi reputado mulher; houve então suspeitas do verdadeiro sexo, porem só aos dezoito, em presença de uma proposta de casamento, foi consultado um medico que reconheceu o sexo masculino.

Por causa do recenseamento militar a familia continuou a occultar o verdadeiro sexo da pessoa observada, porém ella, considerando-se homem, pediu aos 23 annos um exame decisivo para poder reformar a sua inscripção no registro civil.

Submettida á observação do Dr. Porro, este observou-a cuidadosamente e chegou aos seguintes pormenores, que muito resumidamente extractamos :

Altura 1<sup>m</sup>,59; peso 51<sup>k</sup>,400. Cabellos negros e abundantes; muito poucos pellos no labio superior e nas faces. Voz de timbre masculino, pescoço secco, larynge saliente, thorax magro, achatado de diante para traz; mammas de typo feminino, bem desenvolvidas; bico pequeno, não erectil, areola rosada, de 3,5 centimetros de diametro. Ventre chato, membros superiores seccos, sem pellos, não arredondados; os inferiores convergem nos joelhos, perna secca, com poucos pellos. O conjuncto do esqueleto é masculino; a bacia tem uma grande capacidade, porém a sua altura é maior que nas mulheres, o sacro menos arqueado e menos largo, a inclinação total é maior e quasi não ha curvatura sacro-lombar; a arcada pubica é apertada, de bordos lisos e não revirada para fóra. O coccyx está perfeitamente soldado ao sacro

Monte de Venus pouco proeminente, com pellos asperos, dispostos segundo um triangulo de base para cima. Fechadas as coxas, não se descobre nenhuma parte dos orgãos genitales, porém affastando-as encontra-se uma vulva com um clitoris mais desenvolvidido que o normal, e cuja glande sae de um capuz

na extensão de 1,5 centímetros. Em baixo dois bordos retalhados continuam-se com as azas lateraes do capuz, de modo a simular os pequenos labios; abertos estes bordos vé-se que constituem um meio canal, de 4 centímetros de extensão e terminando n'uma abertura que conduz á bexiga. Envolvendo os órgãos genitæes descriptos, estão os grandes labios, em cuja parte mais alta para a região inguinal, existem dois corpos arredondados, indolentes á pressão e que é possível fazer descer.

O toque rectal não faz descobrir qualquer órgão mediano por traz da bexiga—prostata ou utero.

Na urina da noite não se encontraram spermatozoides e parece não ter sido possível examinar o producto de polluções nocturnas, que algumas vezes tinha havido.

Apesar de que as probabilidades se inclinassem mais para se admittir o sexo masculino, o Dr. Porro não quiz decidir a questão sem uma averiguação mais profunda. Para isso incisou a prega genito-crural direita e, descoberto o corpo n'ella contido, verificou-se ser um testiculo, em que todavia o epididymo era pouco pronunciado; a presença do cordão spermatico foi igualmente verificada, o que constituiu, diz o auctor, um elemento precioso, porque, quando se abriu a vaginal, os retalhos d'esta tunica, continuando-se com o cordão, simulavam os caracteres proprios da trompa de Fallopio. A ferida cicatrisou com a maior facilidade; tinha-se empregado o penso antiseptico. (*A Medicina Contemporanea.*)

SUCCEDANEO DO OLEO DE BACALHAU — Para as creanças, que recusam absolutamente o oleo de figado de bacalhau, um medico de Montmartre, o Dr. Larmande, tem recorrido á acção tonica da glicerina, recommendando a seguinte formula :

Glicerina pura .....	300 grammas
Tintura de iodo .....	30 gottas.
Iodureto de potassio .....	30 centigrammas

Uma colher um quarto de hora antes de cada refeição.

Com este preparado o appetite volta e a constipação desaparece completamente. Para as pessoas delicadas modifica o autor a formula anterior da maneira seguinte :

Glycerina pura .....	250 grammas
Xarope de framboesas .....	50 grammas
Tintura de iodo .....	30 gottas
Iodureto de potassio .....	30 centigrammos

(Da *União Medica.*)

TRATAMENTO DA URTICARIA — O sulphato de atropina tem sido incluído no numeroso conjuncto dos meios conhecidos pelos dermatologistas para o tratamento da urticaria. O Dr. Schwimmer de Pesth, administra esta substancia debaixo da fórma pilular, contendo cada pilula cinco milligrammas deste sal, dando uma de manhã e outra á noite. O autor deste novo processo cita varias observações, em que os accidentes da urticaria teem cedido no segundo ou terceiro dia de tratamento pelo sulphato de atropina. Dr. A. Planellas. (*Enciclop. Med. Farm.*)

NOVO HEMOSTATICO — Um preparado, feito por Carlos Pavesi, tem alcançado uma bem merecida reputação, e consiste em 25 partes de acido sulpho-carbolico, outras tantas de alcool, 5 de acido benzoico, 5 de acido tannico, 25 de glycerina e 200 de agua de rosas.

Prepara se o acido sulpho-carbolico misturando uma parte de acido sulphurico e uma e meia de acido carbolico, aquecendo a mistura a b. m. durante alguns minutos; dissolve-se o acido benzoico no alcool com a glycerina, e o acido tannico em agua. A mistura é clara de cor de palha, tem sabor acido, não é caustica, nem irritante, e coagula a albumina, o leite e o sangue. (*Rest. Farm.*)



# ALIMENTAÇÃO DOS CONVALESCENTES

Pelo Dr. LODÉ

Já se sabe que a convalescença é um estado intermediario entre a enfermidade que já acabou e a saude que está para vir.

Restaura-se esta ultima com todas as acções vitaes, e em geral, por transições imperceptiveis ; pouco a pouco, desaparecem as febres e os symptomas morbidos ; restabelece-se a nutrição, e tambem de modo progressivo se abre a porta para a saude.

Então, já os medicamentos não servem de nada ; limita-se o tratamento aos preceitos da hygiene, sobretudo no que diz respeito á alimentação, que se deve vigiar rigorosamente, porque sempre se devem reccar as indigestões e vomitos, ás vezes graves e funestos.

Os caldos, a que se recorre primeiro, apresentam o grave inconveniente de não nutrir o convalescente, deixando-o por muito tempo prediposto ás doenças contagiosas putridas ás quaes não póde resistir uma economia empobrecida.

É com surpresa que se nota a rapidez com que desaparece este periodo perigoso, e a promptidão com que se reconstitue a massa do sangue, quando se augmenta cada chicara de caldo d'uma colhersinha de *Peptona*, e isso basta para que logo o doente recobre as forças e o vigor necessarios para aturar os alimentos.

Como prova d'isso, vou referir o caso seguinte : Um menino de cinco annos que curei d'uma febre typhoidea e depois d'uma febre escarlatina, complicada com angina diphterica, foi, no entrar em convalescença, acommettido por uma atrepsia completa ; por tanto a primeira alimentação estava mui laboriosa.

Supprimi todos os alimentos, e diariamente administrei-lhe oito colheradas de Peptona Defresne n'uma chicara de caldo de gallinha, e com isto o menino mudou completamente, recobrando as forças; passados dez dias, aceitava de bom grado os alimentos e restabeleceu de todo no cabo de um mez.

Este nutrimento presta igualmente relevantes serviços nas enterites consecutivas e febres typhoideas, por ser então a alimentação ordinaria difficil e perigosa.

---

## DE L'EMPLOI DE L'IODOFORME DANS LES AFFECTIONS INTRA-UTERINES

Par le Docteur REHFELDT

L'auteur, dans un cas d'endométrite puerpérale qui avait occasionné des phénomènes généraux graves, ne fut pas satisfait des résultats obtenus par des lavages de la cavité utérine avec une solution phéniquée à 1,50 pour 100. Il essaya l'iodoforme pulvérisé.

Il en introduisit 5 grammes dans l'utérus à l'aide d'un tube en verre recourbé et muni d'un morceau de coton fixé sur une tige de baleine; il eut des résultats meilleurs et immédiats; aussi conseille-t-il ce moyen de désinfection dans les affections puerpérales à la place des irrigations avec des liquides antiseptiques qui sont beaucoup moins commodes. (*Berlin. Woch. Gaz. et Gazz. ital. di. Tor.*, 1882, p. 31, p. 743.)

## NOTICIARIO

---

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA—Na sessão de 1.º de Março foi lida e unanimemente approvedo pela Congregação a memoria historica dos acontecimento mais notaveis occorridos n'esta Faculdade durante o anno de 1882, escripta pelo lente de histologia, Dr. Antonio Pacifico Pereira. Na mesma sessão foi approvedo o seguinte horario das aulas :

### *Segundas, quartas e sextas feiras*

- Às 12 horas— Chimica mineral
- Às 10 » — Botanica e histologia.
- Às 10 » — Anatomia pathologica.
- Às 11 » — Physiologia.
- Às 12 » — Pathologia interna.
- Às 11 » — Pathologia externa e medicina legal.
- Às 12 » — Hygiene.
- Às 11 » — Operações.

### *Terças, quintas e sabbados*

- As 9 horas— Physica.
- Às 11 » — Chimica organica.
- Às 10 » — Anatomia descriptiva.
- Às 12 » — Pathologia geral.
- Às 10 » — Materia medica.
- Às 11 » — Partos.
- Às 12 » — Pharmacologia.

### *Aulas praticas*

( Todos os dias )

- As 8 horas— Clinica cirurgica ( 1.ª e 2.ª cadeiras ).
- Às 9 » — Clinica medica (1.ª e 2.ª cadeiras )
- As 10 » — Clinicas opthalmologica e psychologica.

- Das 9 ás 11 horas — Physica.  
 Das 11 ás 12 » — Chimica organica.  
 Das 11 á 1 — Histologia.  
 Das 12 ás 2 — Toxicologia.  
 Das 11 ás 2 — Botanica.  
 Das 10 ás 12 — Chimica mineral.  
 Das 8 ás 10 — Anatomia.  
 Das 9 ás 11 — Anatomia pathologica.  
 Das 12 ás 2 — Operações.  
 Das 10 ás 12 — Physiologia.  
 De 1 ás 3 — Pharmacologia.

MINISTERIO DO IMPERIO — 2.<sup>o</sup> Directoria — Rio de Janeiro, 6 de Março de 1883.

Em officio de hoje communica-me V. S. que a Congregação dessa Faculdade resolveu que se consultasse o governo si, determinando o Art. 20 das instrucções dadas pelo decreto n. 8851 de 13 de Janeiro ultimo que a prova oral de improviso dure uma hora, e o art. 61 que o candidato que, mesmo por motivo de molestia, retirar-se de qualquer das provas, depois de começada, seja excluido do concurso, tem satisfeito a disposição legal o concurrente que naquella prova não preencheu a hora.

Si o candidato terminou a sua prova em menos da hora marcada, não deve por isto ser excluido do concurso, porquanto o citado art. 20 das instrucções não teve outro fim senão marcar o maximo de tempo que pode durar a prova.

Não se pode julgar das habilitações de um candidato pela circumstancia material do tempo que despendeu, nem exigir que, esgotada a materia, entre elle em divagações e se occupe de assumptos estranhos ao seu ponto só com o fim de preencher o tempo estabelecido.

Aos juizes do concurso compete apreciar si o candidato em menos de uma hora tratou da materia do ponto que lhe coube

por sorte de modo a revelar conhecimentos scientificos e aptidão para reger a cadeira que pretende.

Preceituando que o candidato que não terminou qualquer das provas seja excluído do concurso, o art. 61 das instrucções teve em vista evitar que o concorrente a quem sahio um ponto para que não estava preparado pretexte algum motivo para não concluir a prova, no intuito de tentar novamente a sorte. Não tem applicação áquelle que deu a prova por terminada e não mais pôde pretender fazer outra.

A circumstancia, pois, de não haver qualquer dos concorrentes preenchido o tempo de uma hora na sua prova oral de improviso, não é motivo para que deixe de ser tomada em consideração a mesma prova, que a Congregação julgará como entender de justiça.

O que declaro a V. S. para os fins convenientes e em solução do alludido officio.

Deus Guarde a V. S. — *Pedro Leão Velloso*. — Sr. Director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Faculdade de Medicina — Rio de Janeiro, 6 de Março de 1883.

Illm. e Exm. Sr. — Determinando o art. 20 das instrucções dadas pelo decreto n. 8851 de 13 de Janeiro ultimo, que a prova oral de improviso dure uma hora, e o art 61 que o candidato o qual mesmo por motivo de molestia retirar-se de qualquer das provas, depois de começada, seja excluído do concurso; a Congregação desta Faculdade, em sessão de hontem, apenas contra os votos dos Drs. João José da Silva e João Joaquim Pizarro, resolveu que se consultasse a V. Ex. si o candidato que naquella prova não preenche a hora, tem satisfeito a lei, por entenderem uns que deve ser excluído do concurso e outros não.

Dando, pois, conhecimento desta deliberação, rogo a V. Ex. que se digne decidir como entender de justiça, e com a brevidade necessaria para se proceder ao julgamento do con-

curso, que deve terminar hoje, para o provimento da cadeira de clinica obstetrica e gynecologica.

Deus Guarde a V. Ex. — Illm e Exm. Sr. Conselheiro Pedro Leão Velloso, ministro e secretario de estado dos negocios do Imperio. — O Director, *Vicente Candido Figueira de Saboia*.

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO — Para esta Faculdade foram nomeados por decretos de Fevereiro e Março :

Lente de anatomia e physiologia pathologica — Dr. Cypriano de Souza Freitas.

Lente de clinica ophthalmologica — Dr. Hilario Soares de Gouveia.

Lente de clinica obstetrica e gynecologica — Dr. Erico Marinho da Gama Ccelho.

Lente da 2ª cadeira de clinica medica — Dr. Domingos de Almeida Martins Costa.

CONCURSOS NA FACULDADE DA BAHIA — Em comprimento do aviso do ministerio do imperio, de 23 de Fevereiro, estarão abertas na secretaria d'esta Faculdade, de 6 de Março a 6 de Junho proximo futuro as inscrições para os concursos aos logares de lentes das cadeiras de anatomia e physiologia pathologica, da 2ª de clinica medica, da 2ª de clinica cirurgica e da de clinica obstetrica e gynecologica, e bem assim os de adjuntos ás cadeiras de physica, chimica mineral, botanica, pharmacologia, anatomia descriptiva, histologia, anatomia e physiologia pathologica, anatomia topographica e operações, clinica medica, clinica cirurgica, clinica obstetrica e gynecologica e physiologia; de internos para as clinicas cirurgica, medica e obstetrica; de preparadores e ajudantes das cadeiras de physica, botanica, chimica mineral, chimica organica, pharmacia, toxicologia, anatomia descriptiva, anatomia e physiologia pathologica, anatomia topographica e operações.

Serão admittidos ao concurso dos logares de lentes e adjuntos

e preparadores, além dos lentes substitutos, os brasileiros natos ou naturalizados, formados em qualquer das faculdades do Imperio, e tambem os formados por eschola ou universidade estrangeiras, que se tenham habilitado perante alguma faculdade brasileira para exercer a sua profissão no Imperio e egualmente os estrangeiros que fallarem correctamente portuguez ou francez.

A inscripção para o concurso aos logares de internos de clinica serão admittidos os alumnos que, tendo sido approvados plenamente nos exames da 3ª serie medica em diante, apresentarem com as respectivas certidões, attestados de que frequentaram, pelo menos um anno, o serviço clinico, medico ou cirurgico, de qualquer hospital, e declaração do provedor da Santa Casa de Misericordia de que não se oppõe á sua admissão no serviço interno das enfermarias; e de ajudante de preparador os que tiverem sido approvados plenamente na serie de exames a que pertencer o laboratorio, bastando aos candidatos a taes logares, nos laboratorios de pharmacia e toxicologia, o mesmo gráo de approvação nos exames de chimica mineral e organica.

Os candidatos deverão exhibir no acto da inscripção os seguintes documentos:

Para as cadeiras e logares de adjuntos e preparadores seus diplomas ou publica fórma d'estes ( justificando impossibilidade de exhibição dos originaes ) e folha corrida no logar do respectivo domicilio.

FEBRE AMARELLA.— Em 15 do passado, o ministerio do imperio dirigiu o seguinte aviso ao sr. Dr. Domingos José Freire:

Tendo o governo resolvido empregar a maior attenção ao estudo e conhecimento das causas e tratamento de diversas molestias que com mais intensidade atacam a população, declaro a v. s. que o encargo de continuar os estudos por v. s. executados em 1880 sobre a causa, natureza e tratamento da febre amarella.

Convem que v. s. em taes estudos tenha em consideração que elles versem :

1.º Sobre observações microscopicas, com a cultura dos microbios encontrados nos humores;

2.º Sobre a sua attenção da virulencia dos mesmos microbios e experiencias de vaccinação em animaes, afim de ver se é possivel empregal-a como meio prophylatico do mal;

3.º Sobre o emprego do salicylato de sodio como tratamento pelas vias gastrica e hypodermica;

4.º Sobre as nocropsias e determinação das lesões anatomo pathologicas provocadas pelo processo morbido.

Declaro outrosim a v. s. que o autoriso a nomear tres estudantes, percebendo cada um a gratificação de 120\$ mensaes, para coadjuval-o em taes estudos, que serão feitos na enfermaria que para esse fim fór indicada no hospital maritimo de Santa Izabel pelo inspector de saude do porto, a quem n'esta data me dirijo, communicando-lhe esta deliberação.

O governo terá na maior consideração os serviços de v. s., que, se forem coroados de felizes resultados, o forão merecedor de condigna recompensa. Deus guarde a v. s.—*Pedro Leão Velloso*.—Sr. Dr. Domingos José Freire.

UM SABIO CENTENARIO — A historia terá muito poucas vezes registrado em seus annaes uma vida scientifica tão longa como a do illustre Chevreul, membro da Academia franceza. É caso virgem, talvez, o ter um homem cultivado o seu talento por tão longo decurso de tempo, que possa em uma communicação scientifica referir-se a trabalhos seus que datem de mais de setenta annos! Pois ainda ha pouco o Sr. Chevreul ao terminar na Academia um discurso disse: « Demais, meus senhores, esta observação não é nova para mim. Tive a honra de a mencionar aqui, na sessão da Academia das Sciencias, em 10 de Maio de 1812 »!